

## Articulações para novos caminhos possíveis

Katia Aguiar\*

Uma das estratégias do avanço neoliberal é, sem dúvida, a disseminação do pensamento único, dessa crença que afirma a impossibilidade de viver fora de seus arranjos: dos compromissos, das políticas e da cultura massivamente por ela veiculada. Vivemos uma realidade desconcertante, carregada de ilusionismos, na qual as conquistas tecnológicas da humanidade são acessíveis a poucos e a grande maioria da população mundial sequer desfruta das condições de uma vida que se possa chamar de digna. Nesse contexto, de fácil disseminação do desânimo, da desconfiança e do desamor, encontramos desafios aos movimentos de resistência, muitas vezes ainda em seus nascimentos.

A constituição de redes tem sido uma resposta incisiva de entidades, pessoas e coletividades frente às devastações do sistema-capital. Como integrante de algumas redes locais, nacionais e internacionais, o PACS tem trabalhado pela articulação, união e, especialmente, pela visibilidade de experiências inovadoras e de propostas alternativas, que se afirmam e podem impulsionar transformações. Expostas e partilhadas, tais experiências podem ser objeto de análise, de crítica e de reformulações, abrindo concretamente novos caminhos, criando outros possíveis.

Um bom exemplo é a experiência do Fórum Social Mundial, referida na matéria de abertura desse Informativo. O Fórum, em sua quinta edição, promoveu a oportunidade do encontro, da troca, da articulação propositiva. Na tessitura desse enredamento transcontinental, o PACS teve mais uma vez participação ativa na sugestão de temas, na elaboração de atas, na promoção de oficinas e debates, destacando-se nas atividades da Economia Solidária e do Jubileu Sul/Campanha contra a ALCA.

A efetividade da atuação em rede e da positividade e pertinência dos trabalhos realizados no FSM são demons-

trados nas matérias seguintes que abordam os Jogos Pan-Americanos de 2007, a Semana de Ação Mundial e a Missão de Solidariedade ao Haiti. Momentos e situações diversas, mas que apontam um denominador comum: a aposta na importância de cada elo das redes na construção de unidades de luta.

A Missão Internacional de Investigação e Solidariedade ao povo haitiano, coordenada pelo Prêmio Nobel da Paz Adolfo Perez Esquivel e por Nora Cortinas, integrante do movimento das Mães da Praça de Maio, foi realizada em abril. Registra-se aqui, algumas impressões de integrantes dessa comitiva de solidariedade.

Ainda em abril, 10 milhões de pessoas, em 80 países, foram às ruas pela democratização do comércio internacional e pela desconstrução da agenda neoliberal. A mobilização teve como lema “queremos justiça no comércio e não livre comércio”. No Rio de Janeiro, as atividades realizadas na Cinelândia, uniu esforços do PACS, MST, CAPINA e do movimento “Deixe me identificar”.

Ainda na perspectiva de criação de redes que favoreçam a sustentação e a unidade de diferentes iniciativas em um mesmo campo de lutas, o PACS integra ativamente a congregação de entidades, movimentos e organizações da sociedade civil em torno de debates públicos e de ações coletivas sobre os impactos sócio-econômicos-ambientais dos Jogos Pan-Americanos que serão realizados em 2007, no Rio de Janeiro. Estão nessa corrente a Federação das Associações de Moradores, os Fóruns Populares do Orçamento e do Plano Diretor e pesquisadores do Instituto Virtual dos Esportes, fazendo circular informações, abrindo espaços para a participação dos moradores e para a interlocução com os resultados de estudos e pesquisas que tragam subsídios à ação política crítica e responsável para com o futuro da Cidade Maravilhosa. ☺

\* Assessora de projetos do PACS.



# A Economia Solidária se consolida no V Fórum Social Mundial

Ruth Espinola Soriano de Mello\*

Gilberto Maringoni, em artigo na Agência Carta Maior, tem razão quando afirma que esta foi a melhor e a mais política de todas as edições do Fórum Social Mundial. Foi a menos fragmentada, já que em sua nova estrutura a verticalidade favoreceu articulações entre entidades, redes, associações, organizações da sociedade civil e agremiações políticas de todo o mundo. Neste contexto, o movimento mundial da economia solidária não tem do que se queixar.

Desde o primeiro Fórum, há um esforço no sentido de abrir espaços políticos de debates e visibilidade desta nova economia, que se afirma mundialmente enquanto prática de um outro modo de produção paralelo ao hegemônico.

O PACS tem se destacado na articulação internacional da economia solidária com o movimento brasileiro para além da organização dos FSMs. Também tem atuado firme na afirmação da economia solidária como uma alternativa viável no contexto de um projeto político contra-hegemônico e no enfrentamento crítico e propositivo aos temas macroeconômicos.

Em 2005, ainda que de forma tímida, mais de 50 redes e movimentos internacionais de economia solidária se articularam em prol da organização de debates em diversos espaços políticos no FSM, inclusive para fora da temática do próprio movimento social. O objetivo maior das redes é permitir avanços na reflexão sobre suas práticas e construir uma agenda comum.

Este ano foi ainda mais importante para as articulações brasileiras de economia solidária, especialmente para a Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária e para o Fórum Brasileiro de Economia Solidária - os quais o PACS integra desde sua criação. Há quase dois anos estas frentes conquistaram um espaço político institucional no Governo Lula. Elas passaram a contar com a Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego, coordenada pelo economista Paul Singer.

Pela primeira vez, na história do país, a economia solidária é reconhecida enquanto objeto de política pública em nível federal, a exemplo da histórica experiência no Canadá e na França. Some-se ainda o fato de que, até 2004, mais de 30 entes federativos executavam políticas públicas em economia solidária. Dentre eles, três estados da Federação que juntamente com a Senaes formam a Rede de Gestores Públicos em Economia Solidária.

O eixo temático em que a economia solidária ganhou mais visibilidade durante o FSM foi a intitulada “Economia soberana dos e para os povos – contra a globalização neoliberal”. Os principais seminários, organizados conjuntamente com as redes internacionais, foram: “Finanças solidárias; segurança e soberania alimentar”; “Economia solidária e Estado – radicalização da democracia”; “Redes e cadeias de produção, comercialização e consumo”; “Atores, movimentos sociais e segmentos protagonistas”. O painel de maior público foi o que discutiu o tema “Economia solidária: desenvolvimento soberano e sustentável”, cuja mesa foi moderada por Ignacio Ramonet, diretor do Le Monde Diplomatique, e composta por Paul Singer (Senaes/Brasil), José Luiz Coraggio (economista e assessor do Governo da Argentina), Carola Reintjes (Espanha) e Kamal Chenoy (Índia).

O FSM teve ainda algumas ações singulares, dentre elas: utilização de uma moeda social, o Txai; presença de mais de 600 trabalhadores da economia solidária de todo Brasil; prioridade da comercialização e do abastecimento do próprio Fórum nas diversas cadeias produtivas da economia solidária de todo Brasil, especialmente da região Sul.

Os desafios não são poucos. A fragilidade das experiências é evidente. As contradições do novo ambiente conquistado, o político-governamental, são notórias. Mas uma outra economia já acontece e promete passos ainda mais firmes doravante. ☺

Foto: Marcelo Casal JR/ABR



# Missão de solidariedade no Haiti



Um grupo formado por pessoas do Brasil, Uruguai, Argentina, Venezuela e outros representantes de redes latino americanas esteve no Haiti entre os dias 3 e 9 de abril participando da Missão Internacional de Investigação e Solidariedade, coordenada pelo Prêmio Nobel da Paz Adolfo Perez Esquivel e por Nora Cortiñas, das Mães da Praça de Maio. No Brasil, a Missão foi organizada pelas entidades integrantes da Rede Jubileu Sul, que defende o cancelamento da dívida externa ilegítima dos países do grande Sul. Entre os participantes estavam Sandra Quintela, do PACS, representando o Jubileu Sul/Campanha contra a Alca; João Luiz Pinaud, da Comissão Nacional de Direitos Humanos-OAB e o bispo Adriel de Souza Maia, do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). Convidados pelo Informativo PACS, eles deram seu depoimento sobre a viagem. Confira abaixo, os principais trechos:

### Impressões sobre o Haiti

**Bispo Adriel** - O Haiti é fruto de um sistema neoliberal que é gerador da globalização da miséria e da exclusão. Na tríade ver, julgar e agir, concluo, que há necessidade de ações concretas, a fim de dar ao povo haitiano, dignidade para reconstruir a sua história respeitando o princípio da autodeterminação dos povos. O problema do Haiti não é militar e, sim, social. Nessa direção, faz-se necessário unir as forças internacionais num grande mutirão em favor da vida, da paz e do respeito ao povo do Haiti com sua beleza humana e cultural.

**Pinaud** - Em virtude da dominação econômica externa, o Haiti é miséria, isolamento, abandono e incomunicação. Mas também é, e acima de tudo, luta para resistir. Percebe-se, de pronto, sua reatividade agressiva. São momentos de justa revolta contra constantes invasões de tropas estrangeiras opressoras, exploração capitalista que historicamente vitimou o país. Tais intervenções bélicas apresentam a camuflagem da “ajuda humanitária”, “tropas de Paz”, etc., mas são invasões estrangeiras e, como tal, violam os princípios de autodeterminação e soberania e, enquanto tal, são rejeitadas pelo povo. Haiti é a beleza lisa e brilhante do ébano da pele de seu povo, agitação tumultuada e frenética das ruas confusas e estreitas, cores explosivas das vestes, ritmo cortante, rápido e sincopado do falar, danças, canções e acima de tudo sua esperança.

**Sandra** – O Haiti, por ter sido um país cuja independência foi conquistada pelos escravos em 1804, sofre uma espécie de ‘pecado original’: como pode um país negro e pobre organizar sua independência? O Haiti sofreu inúmeros golpes e ocupações militares ao longo de sua história e ao mesmo tempo é um povo que luta, resiste, mostra dignidade. Poucos teriam essa capacidade. O Haiti não possui recursos naturais. Restam apenas 2% de sua vegetação natural. Enfrentando uma grave crise econômica, social e política, com a forte presença militar estrangeira em seu território, e com a massiva pauperização da população, o Haiti tem um índice de analfabetismo que alcança 45% da população e menos de 1 pessoa, dentre 50, possui um emprego fixo.

### Direitos humanos

**Bispo Adriel** - Acredito que a grande crise mundial passa pela violação dos direitos humanos dentro de sua totalidade. A pobreza do imenso contingente humano é fruto do desequilíbrio econômico, de estruturas sociais injustas, da exploração dos indefesos, da carência de conhecimento, é uma lamentável negação da justiça de Deus. Nessa linha de pensamento, o povo haitiano sofre, fundamentalmente, o desrespeito à vida e, conseqüentemente, a violação dos direitos humanos. O cenário haitiano aponta: miséria, fome, violência, marginalização, prostituição organizada, exploração da vida, força militar etc. Esses sinais apontam as excessivas disparidades culturais, sociais e econômicas e negam os princípios básicos dos direitos humanos e põe em perigo a paz, exigindo intervenção competente com planejamento eficaz para superar a crise.

### Militarização

**Sandra** - A absoluta maioria dos movimentos e organizações sociais com quem estivemos (mais de 60) é contrária à presença de tropas no país. O argumento é o de que não estão em guerra e que, portanto, não necessitam de tropas militares. Além de ser extremamente violador a presença militar estrangeira em qualquer país do mundo. A missão condena a presença de qualquer tropa militar estrangeira em qualquer país do mundo. Defendemos a capacidade de autodeterminação e soberania dos povos. Não podemos aceitar a legitimidade dessas tropas. Ainda mais que o problema do Haiti não é militar. O problema é social, econômico e político. Além disso, observa-se na região um processo de remilitarização através de manobras de tropas do Comando Sul do Pentágono e também da ampliação de bases militares como a de Curaçao.

### Perspectivas

**Pinaud** – A Missão Internacional de Averiguação e Solidariedade poderá colaborar de modo imediato e eficiente, justamente no processo eleitoral (uma vez que eleições já estão marcadas para este ano). O MST já se propôs a enviar ao Haiti técnicos agrícolas. A Comissão Nacional de Direitos Humanos poderá enviar especialistas para aprofundamento de conhecimento sobre violações de direitos humanos do povo haitiano. A Missão também defende a anulação da ilegal dívida externa. Por último, além e acima de todos os compromissos normativos internacionais que exigem tal colaboração, existem outros, mais diretos, mais fortes e incontornáveis. Principalmente para as pessoas que, por longo ou curto espaço, compartilharam vida com o povo haitiano. Perceberam que nesse preciso momento histórico do Haiti está sendo marcado o seu futuro político e o de uma América Latina e Caribe, livre de “soluções” militarizadas, que são o anti-poema do desenvolvimento. ☺



## Pan em debate

O Comitê social do PAN, formado, entre outras entidades pelo Fórum Popular do Orçamento (FPO), Fórum Popular de Acompanhamento do Plano Diretor (FPPD) do Rio de Janeiro, está promovendo discussões quinzenais sobre os impactos dos Jogos Pan-Americanos de 2007. As reuniões são abertas à população e acontecem no PACS (Av. Rio Branco, 277/ 1609 - Informações: 2210 2124). Em agosto será realizado um seminário sobre o tema e o lançamento do livro “Grandes Eventos Esportivos e a Cidade que queremos”, quarto número da série Globalização e Solidariedade, do PACS. ☺

## Novidades no FCP

O Fórum do Cooperativismo Popular do Rio de Janeiro continua se reunindo na segunda terça-feira de cada mês. Em julho o encontro acontece no dia 12, na Ação Comunitária da Maré. Na pauta: o lançamento do jornal do FCP, TroKeteia; informações sobre a Casa da Confiança, sistema de finanças solidárias que capta recursos de e para pessoas e entidades do FCP; além da definição de data para as feira estadual de Economia Solidária. Informações na Secretaria do FCP - Capina: 2220 4580. ☺

## Assembléias populares

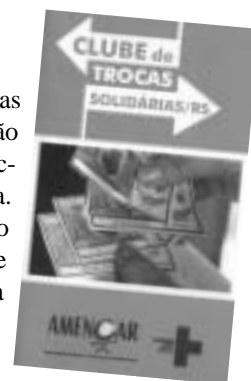
A Campanha Nacional contra a Alca acaba de lançar o terceiro número da série Para Entender a Alca: Assembléias Populares –Reinventando a Democracia. A cartilha levanta o questionamento sobre “Que Brasil nós queremos”, apresentando alternativas, propostas de ação e calendário, além de explicar como organizar assembléias populares. Para adquirir a cartilha, que custa R\$ 1,00, entre em contato com o PACS (21) 2210 2124 ou com a Secretaria da Campanha Brasileira contra a Alca e Rede Jubileu Sul (11) 55721518. ☺

## Mulheres e Economia

Fortalecer as mulheres na sua vida cotidiana em casa e no trabalho, através de informações e conhecimentos amplos sobre o impacto das políticas econômicas na sua realidade. Esse é o objetivo do curso Economia e Mulheres, que acontece às quartas e sábados até o mês de agosto. Coordenação de Sandra Quintela (PACS) e Eleutéria Amora (Camtra). Inscrições e informações: Camtra - (21) 2215 7996 (Carmen Lúcia) e PACS - (21) 2210 2124 (Leilane). ☺

## Trocas em vídeos

As experiências de clubes de trocas no Rio Grande do Sul e no Paraná são temas de dois vídeos lançados, respectivamente pela Amencar e pelo Cefuria. *Clube de Trocas Solidárias/RS* tem como proposta potencializar o trabalho de famílias e comunidades que, como forma de inclusão social, trabalham com trocas solidárias. Já *Clube de Trocas – Rompendo o Silêncio Construindo outra*



*História* relata a experiência de Paraná, onde já existem 23 clubes de trocas. Nos dois trabalhos, é ressaltada a importância dos clubes de troca como espaço de intercâmbio de produtos, serviços, saberes e, principalmente, de afeto e amizade. Os vídeos podem ser encomendados diretamente com as entidades: Amencar – (51) 588 2368 ou [www.amencar.org.br](http://www.amencar.org.br) e Cefuria – (41) 322 8487 ou [www.cefuria.org.br](http://www.cefuria.org.br) ☺





## Jogos Pan-americanos 2007 e a nossa cidade

Terezinha Pimenta\*

Os Jogos Pan-Americanos estão marcados para julho de 2007, mas desde 2003 o assunto tem dado no que falar... Há dois anos os Fóruns do Orçamento Participativo e do Acompanhamento do Plano Diretor do Rio de Janeiro vêm debatendo e atuando pautados em pesquisas orçamentárias e urbanísticas sobre a implementação dos Jogos Pan-Americanos na cidade do Rio de Janeiro. A partir de abril deste ano, no entanto, os Fóruns passaram a se articular com a Federação das Associações de Moradores do RJ/FAM-Rio, Instituto Virtual dos Esportes/IVE e outros atores, enquanto Comitê Social do Pan.

A dinâmica do Comitê vem se intensificando cada vez mais, de forma bastante participativa e objetiva. O PACS é um dos principais articuladores deste processo na medida em que vem organizando a comunicação do Comitê (comunicação entre os participantes, divulgação de matérias jornalísticas e artigos sobre o tema, produção de material visual sobre os estudos realizados, mobilização de recursos para o Seminário do Comitê, além de estar na coordenação executiva do Fórum Popular do Orçamento).

Os resultados das pesquisas realizadas até agora revelam a implementação de um projeto de desenvolvimento da cidade-empresa, utilizando parcerias público-privadas, desviando recursos das áreas sociais para o beneficiamento dessas parcerias, e alijando, de forma rápida, leis urbanísticas que regulam o crescimento e a manutenção da cidade (Plano Diretor e Estatuto da Cidade).

De acordo com os estudos, a área mais afetada na cidade será a Zona Oeste, onde grande parte dos aparelhos necessários à viabilização dos Jogos está sendo construída. A região representa, segundo dados do Censo 2000, cerca de 58% de todo território municipal, abrigando 35% da população total do município. Essa extensa faixa territorial vem sofrendo intensos ataques seja pela especulação imobiliária de áreas nobres próximas ao bairro emergente da Barra da Tijuca, seja pelo assentamento de populações excluídas, como moradores de rua, vítimas de catástrofes ambientais, ou ainda, provenientes da remoção de áreas nobres da cidade. Essa população é levada para locais distantes do centro da cidade, com carência de transportes, saúde, educação, saneamento e oportunidades de trabalho. A contradição se explicita na observação dos Índices de Desenvolvimento Humano (censo de 2000) da região: um dos mais altos (5º lugar - Barra da Tijuca - 0,918) e alguns dos mais baixos (26º lugar - Cidade de Deus - 0,754, 27º lugar - Santa Cruz - 0,747 e 28º lugar - Guaratiba - 0,746), num universo de 32 bairros da cidade do Rio de Janeiro. Vale ressaltar ainda que o índice mais discrepante se refere à renda (Barra da Tijuca - 1,000 e Cidade de Deus - 0,663).

A Vila Olímpica, o Autódromo e seu entorno, com proposta de abrigar a rede hoteleira, são as principais intervenções urbanísticas previstas na Zona Oeste por razão do Pan. Essa perspectiva vem intensificando os processos locais de discussão e disputa, considerando que os territórios vulneráveis - áreas de ocupação e litígio, muito frequentes na região - sofrerão, a partir de agora, maior pressão, principalmente por parte do atual poder público, no sentido da remoção e modificação dos modos de vida de seus habitantes. Torna-se, assim, de fundamental importância investir na ampliação dos debates acerca do tema e no fortalecimento de algumas iniciativas já existentes. Por isso, a idéia do Comitê Social do Pan que dará continuidade aos trabalhos conjuntos dos Fóruns, agregando outras parcerias como estudiosos dos esportes, lideranças comunitárias e representantes sindicais.

O Comitê Social do Pan pretende fazer uma análise crítica e ampliada (para além dos Fóruns e destas parcerias) sobre os efeitos dos Jogos de 2007. Pretende-se também traçar uma agenda propositiva de alternativas ao que vem sendo implementado e projetado, assim como uma agenda de trabalho do Comitê para os próximos dois anos.

O orçamento municipal, o investimento de recursos públicos para uso fruto privado, expansão de postos de trabalho, intervenções urbanísticas e o uso futuro das instalações construídas são algumas das questões que vêm sendo levantadas no acumulado das discussões. Muitas outras ainda podem aparecer.

Por estes e outros motivos, os Fóruns irão realizar um Seminário ampliado para discutir o tema, em agosto de 2005, a exatos dois anos da abertura do Pan. A intenção é convocar associações de moradores, lideranças comunitárias, organizações da sociedade civil, pesquisadores e outros interessados para debater juntos e criticamente os efeitos da implementação dos Jogos Pan-Americanos no Município do Rio de Janeiro. Afinal, "Que Pan queremos?"

E você se interessa por essa discussão?

Então, venha!!! Participe e alie-se a essa luta que é de todos nós.

Informe-se no PACS ou na página do Comitê: <http://geocities.yahoo.com.br/fporj/>

\* Assistente de projetos do PACS

# A Semana de Ação Mundial

Renata Lins\*

Entre 10 e 16 de abril de 2005, aconteceu a Semana de Ação Mundial (Global Week of Action), uma movimentação com foco no livre comércio, promovida pela militância que luta pela democratização do comércio internacional e pela desconstrução da agenda neoliberal para as economias mais vulneráveis.

Mais de dez milhões de pessoas em 80 países envolveram-se nas atividades da Semana de Ação Mundial, sob o lema “queremos justiça no comércio e não livre comércio”.

Para as igrejas, a Semana foi inaugurada com ofícios religiosos ecumênicos. Cerca de 50 países, como a República Democrática do Congo e a Rússia, a Bolívia, os Estados Unidos e as Filipinas, utilizaram uma liturgia especial, preparada pela Aliança Ecumênica Mundial (e traduzida em dez idiomas). Esta ação em prol da conversa entre as religiões, que em outros momentos poderia passar até despercebida, configura uma atitude quase revolucionária, nesses tempos de intolerância.

Na Índia, dezenas de milhares de pessoas em 20 estados uniram-se num protesto sem precedente contra os danos causados pela liberalização do comércio.

Na Índia, um terço da população permanece abaixo da linha de pobreza, e 53% das crianças são desnutridas. Este quadro foi agravado pelas políticas de livre comércio, que elevaram a pobreza e a desigualdade no país. Assim conta Suraja Laran, agricultor local: “... em meus 70 anos, vi minha comunidade se desagregar. Nossa terra foi tomada – nossos grãos de mostarda são forçados a competir com as importações mais baratas vindas dos EUA, nossa água e nossas escolas foram privatizadas e não podemos mais pagar por elas – como é que isso pode ser progresso?”

Nas Filipinas, uma manifestação liderada pela Coalizão “Parem a Nova Rodada” levou uma multidão à Embaixada do Japão em Manila, para protestar contra as atuais negociações para um acordo bilateral entre os governos japonês e filipino.

Em Sidney, na Austrália, a mobilização do dia 12 de abril realizou-se em defesa da água e contra a ameaça da privatização. Patricia Ranaldi, da AFITNET, disse aos manifestantes: “Mais de 1,1 bilhões de pessoas nos países em desenvolvimento estão excluídas do acesso à água potável, e em várias áreas da Austrália a seca faz estragos.” O acesso à água é um direito, e por este motivo a água não pode ser submetida às regras referentes ao comércio de mercadorias. Isto reduziria drasticamente o poder de decisão dos governos nacionais sobre o preço final, assim como sobre os investimentos necessários para ampliar a rede de cobertura dos serviços de água e esgoto, com graves conseqüências inclusive para a saúde pública.

No Brasil inteiro aconteceram atividades vinculadas à Semana de Ação Mundial. Mulheres, negros, trabalhadores sem terra, sem teto, vítimas da violência, entre outros grupos, estiveram mobilizados pela mesma causa.

No Rio de Janeiro, no dia 13, o PACS instalou tendas rodeadas de galhardetes coloridos na Cinelândia, no Centro do Rio, que informavam sobre diversos temas em que o elemento central era a concentração de riqueza no mundo. O galhardete sobre água, por exemplo, explicava que “a falta de água limpa e saneamento mata 1,7 milhões de pessoas no mundo, 90% das quais são crianças”. Destacava ainda que os problemas da falta de água e saneamento atingem com mais intensidade as mulheres, já que estas freqüentemente são as responsáveis pela coleta e gestão da água nas famílias. Já o galhardete sobre a terra, mostrava que 1% dos proprietários possuem 46% da área agrícola do Brasil – quase a metade!

A equipe do PACS, junto com o MST, a Capina e o Movimento “Deixe me identificar” (articulação que luta contra a violência policial no Rio de Janeiro), esteve na rua, distribuindo material para a população, discutindo e esclarecendo dúvidas. O foco maior de interesse dos passantes foi a questão dos transgênicos.

\*Economista do PACS.

<sup>1</sup> As informações sobre os outros países foram recolhidas em [www.april2005.org](http://www.april2005.org)

